ESCOLARIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS E O MULTICULTURALISMO

ELAINE BAGESTERO FERREIRA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da escolaridade, as relações sociais e o multiculturalismo. Sabe-se que nos dias atuais as migrações vêm sendo cada vez mais constantes e os povos estão se misturando, criando assim, diversos tipos de cultura dentro de um país. A escolaridade é uma das formas fundamentais pelas quais as sociedades garantem sua sobrevivência, produzindo e reproduzindo as relações sociais que compõem a sociedade. As escolas não operam isoladamente da sociedade, mas fornecem uma arena para abordar questões com importantes ramificações na sociedade. A conscientização nacional das questões é evidente na mídia e nas escolas, onde professores e alunos são diariamente desafiados a encontrar novas maneiras de se comunicar e aprender juntos.

Palavras-chave: Migrações; Produzindo; Reproduzindo.

INTRODUÇÃO

Algumas de nossas atitudes em relação à diversidade cultural surgem do medo e do preconceito, da falta de contato com pessoas de diferentes origens e da necessidade de uma maior compreensão sobre quem somos e o que nossa sociedade pode ser. Essas atitudes moldam o grau em que as escolas podem proporcionar um ambiente de aprendizado acolhedor, solidário e eficaz para todos os alunos. Como a diversidade cultural e o fato inevitável do racismo afetam diretamente a experiência emocional, social e acadêmica da criança, essa é uma área que as escolas têm uma responsabilidade especial de abordar.

A mestiçagem é a maior prova dessa história de pura sedução, da sedução suscitada pela diferença, que ameaça e atrai, mas acaba sendo incorporada como convívio tenso e sedutor, em todos os momentos da nossa vida. Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial. (FREIRE. 1996, p.5)

O tópico das relações raciais é difícil, emocional e politicamente volátil. Não há fórmulas simples: ela desafia os privilégios, todos nós estamos envolvidos, e as misturas culturais das comunidades, os pontos fortes e a experiência dos indivíduos variam. As distinções entre os conceitos de raça, cultura e etnia podem não ser claras e é difícil traçar limites entre domínio cultural e racismo. Nossas experiências e responsabilidades individuais e os aspectos mais amplos de uma estrutura social que herdamos são difíceis de entender e sentir-se à vontade. Ao examinarmos as premissas culturais e raciais que compõem nossas próprias maneiras de ver e agir no mundo, descobrimos rapidamente nossos próprios preconceitos e as limitações de nosso conhecimento. Enfrentamos desafios à autoridade, e aos nossos níveis de compromisso com os princípios básicos da justiça. Isso é verdade tanto para quem escreve relatórios quanto para quem ensina os alunos.

Segundo Nelsi Antonia e Mario de Souza Martins (2014):

A escola é composta também por muitos alunos estrangeiros cujos pais vieram para trabalhar ou migraram para o Brasil, e até aqueles cujas famílias participaram dos movimentos que se desencadearam no Brasil após a redemocratização do país. Entre estes movimentos pode-se destacar os dos afrodescendentes, dos homossexuais, gays e lésbicas, a reivindicação de espaços e direitos pelos portadores de necessidades especiais, dentre outros. (2014, p. 10)

Segundo FARIAS (2012, p. 32) “cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização”. Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, etc.

O Brasil, por apresentar uma grande dimensão territorial, possui uma vasta diversidade cultural. Os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos foram os primeiros responsáveis pela disseminação cultural no Brasil. Em seguida, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Brasil. Aspectos como a culinária, danças, religião são elementos que integram a cultura de um povo.

De acordo com a Lei 10639/03:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira. § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil. § 2o Os conteúdos referen-

tes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (BRASIL, 2003).

Geralmente as pessoas costumam associar cultura exclusivamente a grau de estudos, mas, no entanto, ela abrange muito mais que isso. Cultura é tudo aquilo que dá sentido ao mundo que cerca um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, assim, fazem parte da cultura de um povo, elementos como, a religiosidade, a definição dos valores morais, idioma que falam o grupo étnico a que pertencem à história da sociedade na qual está inserido o indivíduo etc.

Nossa sociedade possui uma grande diversidade cultural, nossa maior riqueza. Aprendemos desde cedo com a nossa família "pequenas culturas" dentro das diversidades de nossa casa.

Na escola, há um choque cultural, já que compartilhamos com pessoas tão diferentes algumas horas do nosso cotidiano e de acordo com as regiões percebe-se que há uma grande quantidade de linguagens diferentes, as quais não constam em dicionários da língua portuguesa, o que acaba ocasionando um grande problema nas avaliações e até em vestibulares, os quais exigem redações sem que os estudantes escrevam suas próprias línguas, como vem acontecendo com o espanhol.

Os docentes enfrentam dificuldades durante o ensino, uma vez que cada criança traz seus conhecimentos prévios, uma socialização com o mundo e suas particularidades, tais como as línguas de acordo com o ambiente familiar.

Nesse contexto os docentes devem atender a todas essas crianças, garantindo-lhes um ensino de qualidade, diminuindo as dificuldades de aprendizagem e também evitando que as mesmas não sofram preconceitos e/ou rejeição pelo grupo.

Em um país tão rico culturalmente, ainda se encontram dificuldades como expressões regionais e línguas diferentes da língua portuguesa. Nas crianças, isso pode parecer sem importância, mas quando começam a escolarização em estados diferentes aos quais nasceram as dificuldades aparecem muito claramente, por meio da linguagem verbal, é nesse momento que os docentes têm a tarefa de transformar o ensino de forma a integrar atendendo a todos durante sua escolarização.

A EDUCAÇÃO, O MULTICULTURALISMO E A INTERCULTURALIDADE

Repetidas tentativas de definir o significado, diferenças e semelhanças entre multiculturalismo e interculturalidade foram feitas, enfatizando diferentes aspectos de ambos os termos. No entanto, é consenso geral que o multiculturalismo é um fato das sociedades contemporâneas que tem aumentado devido aos processos de migração e descolonização.

O reconhecimento da diversidade cultural é inerente à globalização, mas todas as culturas recebem a mesma atenção na sociedade global: algumas são consideradas como parte da diversidade, enquanto outras são ignoradas. As culturas indígenas e originárias pertencem a esta última categoria, apesar de serem as que possuem diversidade em sua visão de mundo.

Outra dificuldade para se penetrar na problemática do multiculturalismo está referida a polissemia do termo. A necessidade de adjetivá-lo evidencia esta realidade. Expressões como multiculturalismo conservador, liberal, celebratório, crítico, emancipador, revolucionário podem ser encontradas na produção sobre o tema e se multiplicam continuamente. Certamente inúmeras e diversificadas são as concepções e vertentes multiculturais. (CANDAU, 2008, p. 19)

Para Fornet-Betancourt (2002:18), a interculturalidade não é uma busca teórica, mas sim uma experiência que ocorre no mundo da vida cotidiana e que consiste em uma práxis de vida concreta em que se cultiva a relação com os outros. Há um conhecimento prático da interculturalidade como experiência da vida cotidiana que precisa ser cultivada de forma reflexiva para que se torne uma qualidade de nossas culturas. As culturas são processos fronteiriços como experiência básica de estar em constante trânsito e nelas não só se demarca o território estabelecendo o limite entre o seu e o estrangeiro, mas também se produz e se estabelece uma fronteira dentro da nossa própria cultura. : o outro também está dentro, porque a cultura é um processo aberto de tratamento que ocorre no quadro de uma comunidade de interesses entre seus membros, com tradições fundadoras polivalentes. O que chamamos de "cultura nacional" sintetiza a tradição hegemônica que relega outras culturas não dominantes a se tornarem "cultura" (Fornet-Betancourt, 2002, p. 19-21).

Apesar de tantas discussões teóricas, ainda nos perguntamos: o que é interculturalidade? Ou o que é o multiculturalismo? São questões que apesar da sua simplicidade nos fazem questionar o que sabemos ou não sabemos. Parece que poderíamos responder com definições, afirmações que contenham conceitos precisos, portanto, não é assim, cada vez que tentamos uma resposta possível, encontramos novos caminhos de reflexão que estão contidos.

Considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de valorizar

e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Implica, também, refletir sobre mecanismos discriminatórios ou silenciadores da pluralidade cultural, que tanto negam voz a diversidade de identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural. (CANEN; MOREIRA, 2001, p. 16)

Mesmo quando presenciamos a presença e movimentação de pessoas em diferentes latitudes, ainda é necessário pensar na reconfiguração do mundo e, com ela, de todos os processos que lhe são intrínsecos; globalização, migração, transnacionalização do capital e da pobreza, mas também exotismo, presença mediática e mudança cultural, processos que nos parecem todos os dias quase naturais.

O mundo de hoje nos mostra crises e conflitos, movimentos populacionais e formas complexas de relacionamento entre povos e culturas.

O resultado é sempre um conjunto de relações entre pessoas que podem ser analisadas pelas ciências sociais, que através de teorias e conceitos podem levantar questões como: quais são as relações entre globalização e expressões culturais? Quais são os problemas sociais que os movimentos populacionais trazem consigo? Como analisar teoricamente situações de natureza mutável? Que categorias analíticas devem ser construídas para dar conta dessas mudanças e contradições?

Embora as buscas pareçam partir do presente e nos conduzir ao futuro, este texto propõe uma revisão da origem antropológica de referenciais teóricos em torno da cultura e das relações humanas.

Dessa forma, é possível dizer que os movimentos populacionais, embora tenham suas motivações, sempre geram relações entre culturas. Esta questão tem sido abordada pela antropologia desde os seus primórdios no século XIX, ou seja, não indica que estas relações sejam idênticas às apresentadas atualmente, pelo que a sua referência e observação são hoje necessárias.

Stephen Stoer e Luiza Cortesão (1999, p. 56) afirmam que:

Ao apontar o multiculturalismo como uma nova forma de globalização, Boaventura Sousa Santos afirma que o mundo é um "arco-íris de culturas" (SANTOS, 1995). Ora, partindo deste conceito para uma (eventualmente arriscada) analogia, e admitindo que é importante ser capaz de "ver" este e outros conjuntos de cores, poderemos recordar que algumas pessoas, apesar de disporem de um aparelho visual morfologicamente bem constituído, não são capazes de discernir toda uma gama de tonalidades que compõem o arco-íris. Alguns ficam com uma capacidade reduzida de identificação de tons cinzentos: são os daltônicos. A analogia proposta aqui é a de que a não conscientização da diversidade cultural que nos rodeia em múltiplas situações, constituiria uma espécie de "daltonismo cultural".

Uma cultura tem uma filiação antropológica inquestionável, suas diferentes concepções teóricas, suas implicações metodológicas e suas inevitáveis derivações ideológicas são elementos essenciais para entender as abordagens atuais sobre diversidade, multiculturalismo e interculturalidade.

É verdade que hoje não há "exclusividade" disciplinar para os processos sociais, muito pelo contrário, as explanações caracterizam-se por apresentar procedimentos onde a interdisciplinaridade é um requisito teórico-metodológico necessário.

No entanto, pode-se dizer que antropologia e cultura compartilham origens e muitos anos de relações conturbadas. Essa correlação requer o reconhecimento de novas possibilidades e novos conflitos, na ordem empírica e teórica, não se pode pensar em uma relação dada a priori, mas sim uma relação em constante construção.

A antropologia desenvolveu-se ao mesmo tempo em que as posições sobre a cultura cresceram e se diversificaram, o que resultou em várias escolas explicativas. Do evolucionismo ao materialismo dialético, a história de várias abordagens para explicar o trabalho dos homens e suas sociedades.

Na abordagem antropológica, a humanidade gera tantas culturas quantos são os grupos sociais, cada um com sua história, lógica e significado, tornando os seres humanos portadores de cultura: seres que compartilham universos simbólicos que são constantemente socializados por meio de processos educativos. Nesse sentido, a cultura apresenta dois processos intimamente relacionados, um endógeno e outro exógeno. Esses elementos percebemos na presença de processos intraculturais e interculturais.

A dinâmica cultural implica processos de natureza interna, aqueles que permitem a partilha de saberes grupais e que se apresentam como processos educativos fundamentalmente intergeracionais: a língua materna, os costumes, as tradições, os mitos, os ritos, a alimentação e a história dá o grupo Exemplos presentes em todos os grupos. Cada sociedade gera formas de satisfazer suas necessidades primárias e secundárias, gerando expressões culturais específicas. Dizer que cada grupo constrói sua própria cultura não significa que vivam isolados uns dos outros, pelo contrário, ou o contato cultural é, e sempre foi, uma constante.

As relações interculturais não têm carta de exclusividade disciplinar, mas as diferentes explicações não podem ignorar as

possibilidades interpretativas da antropologia. Os conceitos de aculturação, transcultura, difusão ou mudança cultural referem-se ao processo pelo qual uma cultura entra em contato com outra e, como resultado dessa relação, ambas apresentam diferentes tipos de mudanças.

AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E A CULTURA

Como se sabe, existem problemas causados pelas relações étnicoraciais derivadas das histórias nacionais dominantes na maioria dos países onde a história é ensinada. Internamente, a nação aparece como uma realidade étnica homogênea, sem conflitos, e externamente, os outros - sempre os vizinhos do outro lado da fronteira - são os responsáveis pelas relações mais conhecidas.

Com o objetivo de facilitar o acesso à educação dos negros, surgiu a Política de Cotas Raciais nas universidades, classificando os candidatos por meios de suas características. Considerada por Santos e Rocha (2007) como uma medida governamental, a palavra cotas na educação brasileira é vista como uma ação afirmativa, com a finalidade de criar reservas de vagas em instituições de ensino superior, públicas ou privadas com o objetivo de ampliar a inclusão social das classes menos favorecidas (BENTO et al., 2016, n.p.)

As disparidades étnicas e raciais generalizadas na educação seguem um padrão no qual os grupos afro-americanos, indianos, latino-americanos e do sudeste asiático apresentam desempenho academicamente inferior aos caucasianos e outros asiáticos-americanos. Essas disparidades educacionais

Espelham disparidades étnicas e raciais no status socioeconômico, bem como nos resultados de saúde e na assistência à saúde;

São evidentes no início da infância e persistem pela educação básica; e

São refletidas nas pontuações dos testes que avaliam o desempenho acadêmico, como leitura e matemática; porcentagens daqueles que repetem uma ou mais notas; taxas de evasão e graduação; proporções de estudantes envolvidos em programas dotados e talentosos; matrícula no ensino superior; bem como em marcadores comportamentais de ajuste, incluindo taxas de disciplina, suspensão e expulsão das escolas.

A ciência psicológica oferece uma compreensão das disparidades educacionais e estratégias para corrigi-las. Os psicólogos do desenvolvimento identificaram como as diferenças na educação infantil e na assistência à criança estão associadas ao desempenho acadêmico e à prontidão escolar de crianças de minorias étnicas e raciais antes de ingressarem nas escolas de ensino fundamental e médio.

Discriminação tem o sentido de separar, distinguir, estabelecer diferenças, segregar. Traduz-se em ações negativas concretas, em práticas individuais e institucionais que violam os diretos sociais e humanos e a igualdade de tratamento, com base em critérios pré estabelecidos, de forma singela ou não. (BURKE E PORTER, 1997. p.35).

A organização das escolas e o modo como os alunos se envolvem em seu aprendizado são de importância crítica para o desempenho educacional dos estudantes em grupos étnicos e raciais. As disparidades educacionais são evidentes em marcadores de baixo desempenho acadêmico e taxas de graduação, bem como a sub-representação de alunos de cor em programas educacionais dotados e talentosos, e a teoria psicológica fala sobre como cultivar talentos acadêmicos em toda a gama de alunos nas escolas.

Considera-se que a imigração criou situações de subúrbios multiculturais em muitos países do mundo onde grupos de todo o planeta podem interagir (uma situação que ocorre em muitas cidades europeias, norte-americanas, canadianas ou australianas e que também é cada vez mais frequente em muitas cidades latino americanas). Eles acreditam que as categorias de cultura, comunidade parecem mais duvidosas quando tantas pessoas pertencem a vários lugares e mundos diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil, por apresentar uma grande dimensão territorial, possui uma vasta diversidade cultural. Os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos foram os primeiros responsáveis pela disseminação cultural no Brasil. Em seguida, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Brasil. Aspectos como a culinária, danças, religião são elementos que integram a cultura de um povo.

Geralmente as pessoas costumam associar cultura exclusivamente a grau de estudos, mas, no entanto, ela abrange muito mais que isso. Cultura é tudo aquilo que dá sentido ao mundo que cerca um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, assim, fazem parte da cultura de um povo, elementos como, a religiosidade, a definição dos valores morais, idioma que falam o grupo étnico a que pertencem à história da sociedade na qual está inserido o indivíduo etc.

Tudo que produzimos se torna nossa identidade cultural onde todos fazem parte incorporando no nosso dia a dia. Levamos para cada lugar no nosso meio com amigos,

na escola com os professores e a alunos e na sociedade aonde compartilhamos, a nossa identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, A. A. et. al. Políticas de Cotas Raciais: Conceitos e Perspectivas. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades – OPET, n. 12, p.

64-81, 2016. Disponível em: http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n12/artigo6.pdf. Acesso em: 1 mar.2023.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (orgs.) Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1997.

BRASIL. MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf. Acesso em 1 de março de 2023.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas, v. 2, p. 13-37, 2008.

CANEN, A.; MOREIRA, A.F.B. Ênfases e Omissões no Currículo. São Paulo: Papirus, p. 15- 43, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, Editora Paz e Terra, são Paulo, 1996.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O jogo das diferenças: O multiculturalismo e seus contextos, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

STOER, Stephen R. & CORTESÃO, Luiza. Levantando a Pedra. Da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização. Porto: Edições Afrontamento, 1999.